

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo tecer algumas reflexões preliminares acerca do processo referencial na Língua Brasileira de Sinais, diante da tradução. Seja numa língua oral-escrita ou espaço-visual, a referenciação é um dos fenômenos linguísticos que muito tem chamado a atenção dos estudiosos. Apesar da complexidade que envolve o assunto, nas línguas orais, muito já se avançou. O mesmo, no entanto, não se pode dizer em relação às línguas de sinais. Nesse contexto, analisar o modo como tal fator se realiza na Libras, tomando como ponto de partida a língua portuguesa, torna-se assim o principal objetivo da presente pesquisa. Para tanto, usamos o recurso glosa Português - Libras, com auxílio da imagem do sinal (quando necessário). Ao considerar a característica espaço-visual das línguas de sinais, observamos que os elementos referenciais apresentam uma característica específica que pode ser descrita como uma “indicação” de pontos específicos no espaço físico logo à frente do enunciador. Esses *pontos* representam personagens ou objetos envolvidos no discurso e servem para identificá-los. Sendo assim, o uso frequente dos classificadores, o modo como os verbos flexionam, a forte presença dos dêiticos, bem como a predominância do discurso direto nas estruturas da Libras para dar conta do processo de referenciação assumem e constituem os nossos principais pontos de observação e investigação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interface Português-Libras; Tradução; Referenciação.

## RESUMO

This paper aims to make a few preliminary thoughts about the reference in the Brazilian Sign Language trial before the translation. Be an oral-written or visual-spatial, language referencencing is a lot of linguistic phenomena that have drawn the attention of scholars. Despite the complexity involved in the matter at oral languages, much has been achieved. The same, however, can not be said with regard to sign languages. The same, however, cannot be said regarding the sign languages. Analyzing how the referenciation process takes place in Libras, taking the Portuguese language as its starting point, is the primary aim of this research. For this, we use the disallowance Portuguese Libras, with the aid of image signal (when necessary). When considering the characteristic visual-spatial language signs, observed that the referential elements have a specific feature that can be described as an "indication" of specific points in physical space just ahead of the enunciator. These points represent characters or objects involved in speech and serve to identify them. Thus, the frequent use of classifiers, how the verbs are inflected, the strong presence of deictic, as well as the predominance of direct speech

---

<sup>1</sup> Atualmente em pós-doutorado na área do Processamento da Linguagem Natural e Linguística Computacional. Doutor em Linguística (Computacional) pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP. Professor Associado B da Graduação e da Pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: [jorge.bidarra@unioeste.com](mailto:jorge.bidarra@unioeste.com)

<sup>2</sup> Licenciada e Mestra em Letras Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Aluna Especial do Doutorado (UNIOESTE). E-mail: [leidianireis@hotmail.com](mailto:leidianireis@hotmail.com)

in the structures of Libras to account for the referral process and take up our main observation points and research.

**PALAVRAS-CHAVE:** Portuguese-Libras Interface; Translation; Referenciation.

## **INTRODUÇÃO**

Com a instalação das políticas públicas brasileiras voltadas para uma educação inclusiva, a preocupação com os sujeitos surdos vem aumentando e tomando forma dentro do contexto de uma sociedade contemporânea, tanto pelos profissionais que trabalham com a educação e desenvolvimento de surdos, como pela própria comunidade em questão.

Segundo Fernandes (2004), a Língua Brasileira de Sinais (Libras), apesar de oficializada no Brasil pela Lei 10.436, desde abril de 2002, e pelo Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, ainda continua desconhecida pela maioria da população brasileira, considerada muitas vezes como mímicas e gestos, utilizada pelos alunos surdos na ausência da oralidade. Como eles fazem parte de uma minoria linguística, incluída numa sociedade global que fala e escreve em Português, é evidente que os mesmos necessitem além da sua língua natural - a Língua de Sinais -, a apropriação também da Língua Portuguesa, o que, é claro, acaba lhes impondo uma série de dificuldades e que, a pouco e pouco, precisam ser sanadas. Dado o cenário, surge, especialmente nos ambientes educacionais, a proposta que pressupõe a aprendizagem de duas línguas, a Língua de Sinais Brasileira e a Língua Portuguesa.

Ao considerar tais questões acima referidas, o papel do tradutor/intérprete é fundamental para contribuir no ensino-aprendizagem dos sujeitos surdos. Porém deve-se considerar que assim como toda tradução, algumas dificuldades surgem e o tradutor precisa encontrar meios para que esses problemas sejam solucionados sem comprometer o sentido do texto (Cf. CAMPOS, 1986).

Nesse cenário, o presente trabalho delimita-se em verificar os meandros linguísticos envolvidos no processo de tradução Português-Libras, mais especificadamente, como se comportam os elementos referenciais, ao considerar que, mais do que estabelecer simples retomadas de elementos linguísticos, a referenciação é responsável por categorizar e recategorizar objetos de discurso, materializando atitudes tomadas pelo produtor para a construção de determinado(s) sentido(s) e imprimindo pistas linguísticas que guiam o leitor na interpretação. Nessa perspectiva, aborda-se a referenciação a partir da concepção sociocognitiva-interacional, que toma tal processo como uma atividade discursiva (KOCH, 2005).

## ITENS LEXICAIS NO PROCESSO DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO

Sabe-se que a interpretação de um texto requer, a princípio, conhecimentos prévios, que são aqueles conhecimentos adquiridos durante a vida, pois eles “determinam as possíveis inferências realizadas com base em marcas formais do texto” (KLEIMAN, 2009, p. 26). Nessa linha de análise, a autora elenca três níveis de conhecimento que devem estar articulados para que a interpretação seja bem sucedida, quais sejam: o conhecimento textual, o de mundo e o linguístico.

Assim também ocorre no processo de tradução de uma língua para outra: o significado a ser passado depende do conhecimento linguístico do tradutor, dos conhecimentos culturais, bem como dos sociais, que são acionados e se juntam conforme as necessidades e intenções deste (Cf. CAMPOS, 1986).

Nessa perspectiva, vemos que um tradutor só terá condições de compreender bem o que está traduzindo se, desde o primeiro contato com o texto, souber explorar o potencial que certas palavras adquirem no contexto em que aparecem, conforme palavras de Porfírio e Bidarra (2008). A partir do momento em que o tradutor passa a valorizar e a analisar as marcas linguísticas, pode-se dizer que a tradução está sendo bem sucedida.

Diante do exposto até o momento, é importante ressaltar o conhecimento de itens lexicais como fator fundamental para o processo de tradução. Em outros termos, as palavras não se relacionam apenas estruturalmente, mas também semanticamente, pois são atualizadas por sujeitos históricos e socialmente situados, que realizam escolhas intencionais. Segundo Colomer e Camps (2002, p. 129), “as relações semânticas entre as palavras do texto é uma das bases de compreensão da coerência deste e um elemento importante para dar-lhe coesão”. Ou seja, as relações semânticas entre os itens lexicais levam o tradutor a estabelecer conexões essenciais para o processo interpretativo. Nessa mesma perspectiva, Kleiman (2009) entende que

[...] a presença de um item lexical pode fazer a diferença entre um texto coerente ou incoerente. O elemento formal funciona aí como o elo que permite ligar as diferentes partes do texto, que antes eram uma sequência de informações que não faziam sentido, pois não estavam relacionadas entre si (KLEIMAN, 2009, p. 49-50).

Tendo em vista a colaboração dos itens lexicais para a construção dos significados do texto, e levando em consideração que o trabalho aqui proposto não nos permite abordar todos

os eles, optou-se por focar um dos fenômenos da língua, que considera relevante as escolhas dos vocábulos no processo da tradução Português-Libras: a referenciação.

## **REFERENCIAÇÃO**

Tanto na modalidade de linguagem viso-espacial quanto na oral, a referenciação configura-se não simplesmente em um recurso de retomada de entidades do mundo; em outras palavras, não diz respeito a simples rótulos usados para designar as coisas do mundo (KOCH; MARCUSCHI, 1998). Muito além disso, retrata uma forma de construção e reconstrução de objetos de discurso.

Depois de lançado (categorizado) no texto, o objeto é recategorizado por meio da estratégia de referenciação. Esse processo de construção e reconstrução de objetos de discurso é realizado por sujeitos, num processo de interação, o que significa dizer que carrega, dentre outros aspectos, os interesses e os pontos de vista dos interlocutores envolvidos no discurso.

Os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a nossa percepção de mundo, nossos “óculos sociais”, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos (KOCH; ELIAS, 2006, p.123, grifo das autoras).

Para Mondada e Dubois (2003), os objetos de discurso, sendo construídos e desenvolvidos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados e, além disso, como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são construídos conforme o contexto de interação.

Essa forma de conceber a referenciação é assumida por Koch (2004, p. 40), que propõe a seguinte descrição: “os objetos-de-discurso são altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual”. Esse processo dinâmico, segundo a autora, desenvolve-se como uma atividade discursiva realizada por sujeitos históricos e socialmente situados.

Essa construção e reconstrução de objetos de discurso, que se constitui como um processo dinâmico na progressão textual, ocorre quando um objeto é lançado no texto e utilizado novamente por meio da reconstrução. Mondada e Dubois (2003, p. 17) explicam melhor esse processo dinâmico ao afirmarem que “as categorias e os objetos de discurso são

marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas, ancoradas nas práticas, nas atividades verbais ou não verbais, nas negociações dentro da interação”.

Partindo da perspectiva discursiva abordada a respeito da referenciação, Koch e Elias (2006) afirmam que a operação linguística referencial pode se dar por movimentos exofóricos ou endofóricos. No primeiro caso, recupera-se um elemento não enunciado no texto (dêítico); no segundo, o elemento recategorizado foi primeiramente apresentado no texto.

A referência endofórica, por sua vez, se subdivide em anafórica e catafórica. No processo anafórico, a remissão é feita para trás, ou seja, faz-se remissão a elementos anteriormente expressos no texto. Já no processo catafórico, a remissão é feita para frente. Tais processos não se resumem a simples movimentos projetivos e retrospectivos, mas retratam o trabalho de um determinado sujeito de categorizar e recategorizar objetos de discurso.

Koch e Elias (2006, p. 127) apresentam exemplos que ilustram essa breve explicação:

- (a) Paulo saiu. *Ele* foi ao cinema.
- (b) Só quero *isto*: que vocês me entendam.

Os termos destacados são as remissões. Em (a), tem-se um processo anafórico, pois o pronome em destaque retoma um elemento anteriormente enunciado. Já em (b) é preciso seguir no texto para captar o referente, realizando um movimento catafórico. Essas formas de referenciar podem ser atualizadas de diferentes maneiras, por meio de diferentes estratégias textuais.

Quanto à anáfora, uma das estratégias fundamentais da referenciação, Marcuschi (2005, p. 54) corrobora que hoje o termo “anáfora” é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), “contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial”. Nesse contexto, para esclarecer o termo “anáfora”, Marcuschi e Koch (2002, p. 45) apresentam algumas considerações iniciais:

- a) Nem toda anáfora é pronominal;
- b) Nem toda anáfora é correferencial;
- c) Nem toda anáfora é uma retomada;
- d) Nem toda anáfora tem um antecedente explícito no cotexto;
- e) Existem anáforas nominais (definidas ou não);
- f) Nem toda anáfora nominal é correferencial;
- g) Nem toda anáfora nominal é cossignificativa.

A anáfora, muitas vezes, caracteriza-se por dar sustentação à coesão e à coerência, uma vez que é utilizada para que a temática seja processada de forma progressiva e significativa. Nesse sentido, Koch (2006, p. 131) afirma que ela é “a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial do texto”.

## **ALGUMAS PARTICULARIDADES DO PROCESSO REFERÊNCIAL NA LIBRAS**

Na língua de sinais, além de considerar a base teórica já citada acerca da referenciação, percebe-se algumas características específicas, que garante a progressão textual. Os referentes presentes são retomados, muitas vezes, de forma anafórica no sentido de estabelecerem correferência com o seu antecedente. Sua interpretação completa depende dos elementos introduzidos durante a conversação (Cf. LEAL, 2011).

Nas glosas<sup>3</sup> em Libras, quase sempre, os procedimentos de referência utilizados recorrem ao discurso direto, ou seja, é muito comum que o tradutor utilize-se de elementos referenciais diretos, recategorizados ou não, uma vez que a tradução Português-Libras deva ser bastante pontual e claro aos sujeitos surdos (Cf. QUADROS, 2002).

Diferente da modalidade oral, na viso-espacial as anáforas, quase sempre, vem acompanhadas dos dêiticos, fenômeno caracterizado como dêitico-anafóricos. São processos diferentes, que ocorrem de forma simultânea. O *primeiro* sugerindo marcação do ponto ou localização do referente; o segundo, retomada do ponto para referir-se ao referente mencionado. Assim, na libras esse acontecimento gera a coesão textual visual das ideias.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a função dêitica em línguas de sinais é marcada por meio da apontação propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, por meio da apontação em diferentes locais. Nesse contexto, percebe-se que o espaço é um dos elementos que favorece a coesão e a coerência dos textos enunciados em língua de sinais.

## **TRADUÇÃO**

---

<sup>3</sup> Recurso usado para transcrição de traduções de palavras, frases e textos da língua fonte para a língua alvo, quando da necessidade da análise de um determinado trecho do discurso. A glosa é utilizada na transcrição do Português para Libras a fim de aproximar o significado de um signo de uma língua na outra. Esta transcrição facilita a análise das estratégias tradutórias à passagem de uma língua para outra (SANTOS, 2012).

Quando o assunto é referente à tradução, Jakobson (2001) aponta três formas: a tradução intralingual, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros da mesma língua, em que essa tradução é conhecida como relevante; a tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua (o nosso trabalho é caracterizado nesse viés, uma vez que nosso objetivo tradutório perpassa pela língua portuguesa e a libras); e a tradução intersemiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

Sabe-se que é por meio da linguagem que os indivíduos interagem-se, mais especificamente, por meio dela realiza-se todo ato de comunicação, inclusive a tradução. Nesse contexto, a linguagem deve ser vista como forma de ação entre sujeitos históricos e socialmente situados, que se constituem e constituem uns aos outros em suas relações dialógicas. Mais do que servir de meio para a transmissão de informações de um emissor a um receptor, ela se configura como

[...] forma ou processo de interação [...], usar a língua não é tão somente traduzir e interiorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar, sobre o interlocutor (ouvinte/falante). A linguagem é pois um lugar de interação humana (TRAVAGLIA, 2000, p. 23).

Diante disso, ao considerar a tradução, algumas perguntas fazem-se necessárias: *Como fica o papel do tradutor diante dessa língua viva, interacional e atuante? A tradução (em sinais) é composta pelos mesmos “elementos” do texto original?* Para que essas questões sejam replicadas, adota-se nesse trabalho a tradução como uma *retextualização*, pois, um texto traduzido se relaciona, no mínimo, ao conteúdo ideacional do texto de partida textualizado anteriormente em outra língua, segundo Quadros e Vasconcellos (2008). Ao contrário do escritor do texto original, o tradutor é “aquele tipo especial de escritor que cria o texto não a partir do seu próprio ideacional, mas a partir de outro texto” (COSTA, 2005)

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Ao considerar a tradução interlingual, numa perspectiva de retextualização, para a realização desse trabalho, foi necessário seguir algumas etapas<sup>4</sup>, entre elas:

---

<sup>4</sup> É relevante destacar que esse trabalho foi realizado a partir de reuniões e discussões do grupo de pesquisa ao qual faço parte. Cada integrante analisa o fenômeno da língua que lhe é promissor (no meu caso, referência).

- ✓ **Etapa 1-** Seleção e coleta de sentenças em língua portuguesa (extraídas de jornais, revistas, livros, artigos, entre outros, com as devidas fontes) por meio dos recursos da ferramenta Wordsmith 4.0<sup>5</sup>.
- ✓ **Etapa 2:** Levantamento, com base em dicionários impressos ou online, dos significados que eles apresentam para as palavras pesquisadas. Com esse passo concretizado, montam-se tabelas contendo tantas colunas quantos forem os significados que os dicionários fornecem, e tantas linhas quantas forem as sentenças que serão enquadradas nas colunas em que o seu significado confere com a descrição ali proposta. Assim, fica mais fácil perceber em que contexto a tal palavra ambígua ocorre, ou melhor, com quais outras palavras ou categorias gramaticais ela tende ocorrer com mais frequência, facilitando, dessa forma, a etapa 3.
- ✓ **Etapa 3:** Ao término dessas etapas, os textos são submetidos aos membros do grupo de pesquisa, tradutores ouvintes capacitados conforme o Decreto 5.626/05, para que sejam passados para glosas-Libras e traduzidos para a Libras prática.
- ✓ **Etapa 4:** Com as diversas sentenças analisadas numa perspectiva semântico-lexical e com as glosas - libras, o próximo passo é o uso da técnica de análise de conteúdo para a seleção e diagnóstico dos elementos referenciais presentes no *corpus* em questão.
- ✓ **Etapa 5:** Com os elementos referenciais selecionados, identificar-se-á nas glosas - Libras os pontos em que esses ocorrem, bem como o papel que desempenham na Libras, buscando descrever assim, por meio do entrelaçamento teoria e prática, características específicas no processo de tradução Português-libras.

---

Em média, já se coletou 7.604 enunciados, com 18 palavras ambíguas, as quais são anexadas na pasta Dropbox da equipe, com vários subdiretórios, organizados e estruturados conforme necessidades.

<sup>5</sup> Segundo Magalhães (2001), o Wordsmith Tools 4.0 é um programa dedicado à análise lexical e permite, a partir de textos pré-selecionados, a extração de concordâncias para a palavra de busca, clusters (agrupamentos frequentes), listas das palavras mais frequentes num texto e/ou palavras-chave. A análise linguística ocorre por meio de três ferramentas: (a) WordList, (b) KeyWords, e (c) Concord. O Wordlist permite a elaboração de listas de palavras a partir de arquivos de texto. O KeyWords capacita a comparação de uma lista de palavras de um corpus com um corpus de referência e o Concord, é um instrumento que produz concordâncias

- ✓ **Etapa 6:** Elaboração de artigo.

## ANÁLISE INICIAL

Apesar de ser um trabalho em fase inicial, identificamos nas glosas em Libras os pontos em que os elementos referenciais ocorrem, a partir de textos traduzidos para glosas Libras, discutindo, assim, o modo, bem como o papel que desempenham nessa língua.

Para fins desse trabalho, selecionamos 03 sentenças. Organizamo-las em “Análise da sentença 01”, “Análise da sentença 02” e “Análise da sentença 03”. Cada análise foi dividida em 03 quadros. No primeiro apresentamos o texto em língua portuguesa, com respectiva análise dos elementos referenciais presentes. No segundo exibimos o mesmo texto em glosa Libras, com a exposição do fenômeno em evidência. No terceiro quadro expomos a “equivalência”<sup>6</sup> dos termos diante da tradução. Usamos o recurso **negrito** quando foi necessário destacar algumas questões.

### Análise da sentença 01

#### Quadro 01

▶ <b>Texto em Língua Portuguesa:</b>
<i>Elas pediram carona no banco [de trás] do ônibus. As mulheres conversaram muito.</i>
<b>Catáfora:</b> Elas (Participantes do enunciado), trás (advérbio de lugar)
<b>Referente:</b> As mulheres

#### Quadro 02

▶ <b>Glosas:</b>
ÔNIBUS <sub>5</sub> BANCO/SENTAR-ATRÁS <sub>4</sub> MULHER^EL@S PASSADO PEDIR-CARONA <sub>2-3</sub> . MULHER^EL@S MUITO CONVERSAR.
<b>Dêitico:</b> MULHER^EL@S (Participantes do enunciado); BANCO/SENTAR-ATRÁS <sub>4</sub> (advérbio de lugar).
<b>Dêitico-anafórico (simultâneo):</b> MULHER^EL@S (Retoma correferencial sem recategorização)

<sup>6</sup> Apesar de não haver uma padronização geral de equivalências entre as duas línguas (nem sempre será encontrado, de fato, um termo equivalente, uma vez que lidamos com uma língua vida e interacional), o sentido presente em Língua Portuguesa se mantém na tradução para glosa Libras, por meio de utilização de estratégias e escolhas lexicais, seja utilizando o equivalente direto, sinais compostos ou de sinais com sentidos semelhantes que equivalem ao Português.

### Quadro 03

▶ <b>Equivalências:</b>
<b>Elas</b> ≡ MULHER^EL@S
<b>Pediram (v. pedir, passado – solicitar)</b> ≡ PASSADO PEDIR- CARONA
<b>Carona</b> ≡ CARONA
<b>[no] Banco [de trás do]</b> ≡ BANCO/SENTAR[-ATRÁS]
<b>Ônibus</b> ≡ ÔNIBUS

No quadro 01, a sentença em língua portuguesa é composta já no início por um elemento referencial catafórico “elas”, uma vez que a remissão é feita para frente, por meio do referente “as mulheres”. Enquanto isso, no quadro 02, após tradução para glosa libras, o que antes era um elemento referencial catafórico, passou a ser um dêitico, por meio dos itens lexicais “MULHER^EL@S”, ou seja, o referente já é mencionado e apontado. Na sequência, esse referente dêitico é retomado e, concomitantemente, apontado por meio da mesma expressão “MULHER^EL@S” (anáfora correferencial sem recategorização), logo, tem-se um dêitico-anafórico. Ao comparar a língua portuguesa com a glosa libras, é possível já perceber diferença na construção da coesão textual. Para manter o mesmo sentido da língua de partida, o tradutor necessitou estabelecer mudanças em relação aos mecanismos referenciais, principalmente porque a língua de chegada é de modalidade espaço-visual. Em outras palavras, na língua brasileira de sinais, além de retomar, é fundamental apontar, para que a comunicação ocorra de forma coesa e coerente. Assim sendo, o discurso direto é outra característica forte no processo referencial na glosa libras, além, claro, da flexão verbal que direciona para ideias objetivas e contundentes, específicas da referida modalidade.

### Análise da sentença 02

#### Quadro 01

▶ <b>Texto em Língua Portuguesa:</b>
<u>Um velho</u> <sub>1</sub> <u>senta</u> <sub>2</sub> num <u>banco</u> <sub>3</sub> de <u>praça</u> <sub>4</sub> para <u>descansar</u> <sub>5</sub> . Ele fica olhando para aquele céu estrelado.
<b>Dêitico:</b> aquele (pronome demonstrativo)
<b>Anáfora pronominal:</b> Ele (refere-se a ‘um velho’).

#### Quadro 02

▶ <b>Glosas:</b>
HOMEM^VELHO <sub>1</sub> BANCO/SENTAR <sub>3</sub> SENTAR <sub>2</sub> PRAÇA <sub>4</sub> DESCANSAR <sub>5</sub> . EL@ OLHAR CÉU ESTRELAS.
<b>Dêitico:</b> OLHAR (Verbo com concordância, aponta/direciona para o local - aquele).
<b>Dêitico-anafórico pronominal (simultâneo):</b> EL@ (Retoma o ‘HOMEM^VELHO <sub>1</sub> ’)

### Quadro 03

▶ <b>Equivalências:</b>
[um] Velho ≡ HOMEM^VELHO
Senta (v. sentar) ≡ SENTAR
[num] Banco ≡ BANCO/SENTAR
[de] praça ≡ PRAÇA
[para] descansar ≡ DESCANSAR

Na sentença que compõem o quadro 01, dessa análise 02, a introdução do objeto do discurso ocorre por meio da expressão nominal indefinida “um velho”, que posteriormente é retomada por meio de uma anáfora pronominal “ele”. Além da anáfora, o processo referencial da referida sentença é marcado também pelo dêitico “aquele” (pronome demonstrativo). Em contrapartida, na glosa libras – quadro 02 – o referente foi apresentado como “HOMEM^VELHO”, sem a presença do artigo indefinido. O não uso de artigo (definido ou indefinido) é comum na estrutura gramatical da libras, uma vez que o sinal<sup>7</sup>, composto pelos cinco parâmetros, consegue por si só definir o objeto do discurso. Esse referente “HOMEM^VELHO” foi reconstruído, na glosa libras, por meio de um dêitico anafórico pronominal “EL@”, ou seja, além de retomar, ao considerar a modalidade espaço-visual, foi necessário também apontar, simultaneamente. Quanto ao dêitico usado na sentença em língua portuguesa – *aquele* -, na glosa libras, com o intuito de localizar o interlocutor no espaço, o pronome demonstrativo foi “substituído” pelo verbo no infinitivo OLHAR. Claro que ao realizar o referido sinal, ficará implícito o pronome em questão, uma vez que se apontará/direcionará para o local (CÉU ESTRELAS). Novamente é visível a forte presença do discurso direto e a forma específica de flexão dos verbos na constituição dos elementos referenciais.

<sup>7</sup> Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo esse lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros.

### Análise da sentença 03

#### Quadro 01

▶ <b>Texto em Língua Portuguesa:</b>
<u>As pessoas</u> <sub>1</sub> quebraram <sub>2</sub> o último <sub>3</sub> banco <sub>4</sub> <assento> <u>da praça</u> <sub>5</sub> que nós tínhamos <sub>6</sub> para <u>sentar</u> <sub>7</sub> . Eles precisam pagar por isso.
▶ <b>Anáfora:</b> Isso (pronome demonstrativo). Eles (retoma ‘As pessoas’ do enunciado).

#### Quadro 02

<b>Glosas:</b>
PASSADO PESSOA+++1 QUEBRAR <sub>2</sub> ÚLTIMO <sub>3</sub> BANCO/SENTAR <sub>4</sub> PRAÇA <sub>5</sub> NÓS TER <sub>6</sub> SENTAR <sub>7</sub> . EL@S PRECISAR PAGAR ISSO.
<b>Dêitico:</b> NÓS (Pronome - participantes do discurso).
<b>Dêitico-anafórico pronominal (simultâneo):</b> EL@S (retoma PESSOA+++1; apontar pessoa) ISSO (Aponta para o local, nesse caso para o banco quebrado).

#### Quadro 03

▶ <b>Equivalências:</b>
[as] Pessoas ≡ PESSOA+++
Quebraram (v. quebrar, passado) ≡ PASSADO QUEBRAR
[o] Último ≡ ÚLTIMO
Banco ≡ BANCO/SENTAR
[da] praça ≡ PRAÇA
[que] Nós tínhamos [para] ≡ NÓS TER
Sentar (v. sentar) ≡ SENTAR

Na análise da sentença 03, no quadro 01, a introdução do referente ocorre por meio do objeto do discurso “as pessoas”, que posteriormente é retomado com uma anáfora pronominal “elas”. Em seguida, a expressão “quebraram o último banco da praça”, que remete a uma ação delinquentemente contra o patrimônio público, é retomada também por meio de uma anáfora pronominal “isso”. Já na glosa libras, no quadro 02, o referente “PESSOA+++”, além de não estar acompanhado do artigo “as”, é retomado com o dêitico-anafórico pronominal, ou seja, ao mesmo tempo em que retoma, realiza-se o ato de apontar para pessoas. Outra questão relevante

a ser destacada diz respeito ao pronome pessoal “nós”, que na glosa libras assume função dêitica, com o intuito de localizar no referido espaço os indivíduos que compõem o discurso. É importante frisar que nesse processo de tradução português-libras o tradutor deparou-se com inúmeras possibilidades lexicais para representar o elemento da língua de partida de forma significativa na língua de chegada. Entre tantos, escolheu-se o que mais lhe foi apropriado. Por essa razão, pode-se dizer que houve uma retextualização, que caracteriza a tradução como um evento comunicativo único.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Com as reflexões realizadas, ainda que inicialmente, foi possível perceber como se configura um texto em português e em Libras (revelou-se a complexidade e singularidade da tradução para línguas de sinais). Além disso, verificou-se como os elementos referenciais se comportam ao procedimento de retextualização, por meio da glosa português-libras. A princípio, pôde notar que o dêitico-anafórico é o mecanismo de coesão/coerência mais presente nas glosas. Tais elementos utilizados recorrem, muitas vezes, ao discurso direto, ou seja, é muito comum que o tradutor utilize-se de elementos referenciais diretos, recategorizados ou não, uma vez que a tradução Português-Libras deva ser a mais próxima possível do texto original. Nessa perspectiva, o modo como os verbos flexionam, a forte presença dos dêiticos, bem como a predominância do discurso direto nas estruturas da Libras são alguns fatores que caracterizam o processo de referenciação, durante a construção e reconstrução de objetos do discurso.

## **REFERÊNCIAS**

BIEZUS, Marli de Fátima Gonçalves Tavares. *Processos de retomada em conto de Eça de Queirós: um olhar voltado para o ensino*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010.

BRASIL. *Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. – Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 10.436, Presidência da República, dispõe a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. Brasília, 24 de abril de 2002.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. Coleção Primeiros Passos – 166 Leituras Afins. SP: Editora Brasiliense, 1986.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. [Trad. Fátima Murad]. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FENEIS, *Federação Nacional e Integração de Surdos*. Disponível em: <[www.feneis.org.br](http://www.feneis.org.br)>. Acesso em 19/08/2013.

FERNANDES, S. *Educação Bilíngüe para surdos: trilhando caminhos para a prática pedagógica*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2004.

HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. *Anáforas associativas nas análises das descrições definidas*. *ReVEL - Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 1, n. 1, p. 1-16, ago. 2003. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>. Acesso em: 12 mai. 2013.

KLEIMAN, Ângela Bustus. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Referenciação e orientação argumentativa*. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-45.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso*. *Veredas - Revista de Estudos Lingüísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2004.

\_\_\_\_\_, Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça Maria; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia Maria. (Org.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1 ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, v. 1, p. 263-276. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4564.pdf>> Acesso em: 12/09/2013.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_; MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Processo de referenciação na produção discursiva*. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.

LEAL, Christiana Lourenço. *Estratégias de referenciação da produção escrita de alunos surdos*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011. Tese (doutorado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação.

LIMA, Manolita Correia. *A Engenharia da Produção Acadêmica*. São Paulo: Unidas, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

\_\_\_\_\_. *Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras*. In: KOCH, I.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

\_\_\_\_\_; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Orgs.) *Gramática do português falado*. v. VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 31-56.

MINAYO, Maria C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2 ed. São Paulo : Hucitec; Rio de Janeiro : Abrasco, 1993.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Lingüística).

PORFÍRIO, Lucielen; BIDARRA, Jorge. *A extração de informação aplicada à interpretação de textos: um estudo de caso sobre textos no domínio da gastroenterologia*. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, n. 1, p. 80-94, 2008.

QUADROS, Ronice Mülher. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.